2.º Anno — Quinta-feira, 7 de Dezembro de 1893 — Numero 95

Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSAVEL
M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 6 de dezembro

—

A isenção progressista

Renovam os nossos adversarios o expediente, de que sempre usam—Estão-se impondo ao soberano—e já o aggridem, porque não lhes entregou o poder desde 90. Querem as pastas. E ora o admoestam de que lhes chegou *a sua vez*—ora o accusam de não *agradecer a isenção*, com que se decoram.

Esta isenção consiste em se queixarem de que já se organisaram cinco ministerios de côr regeneradora, mais ou menos pronunciada, *o que não é verdade*, sem que o partido progressista fosse chamado a nenhum d'elles—e consiste em se declararem no começo *em aberta hostilidade* e depois em troca de varios favores, que redundam em votos, fingir que se moderam.

Então o *prestigioso chefe* vae declarar no parlamento o seu appoio limitado ás questões financeiras.

E por este appoio *inutil*, nunca seguro, iam conservando os meios de influencia material, e contrabalançando, quanto podem, a *justa* popularidade dos regeneradores, cuja direcção tem sido *digna e séria*, e geralmente bem apreciada.

Como as futuras e proximas eleições transtornam este bom arranjo, a isenção progressista alvoroça-se, vae chamar a Lisboa os influentes das provincias, a ver se amedronta o soberano e o governo.

Uma pavonada.

As indicações constitucionaes para as côrtes se dissolverem não podem ser invocadas senão em situações regulares e nós não estamos n'esse caso. Vemos uma camara eleita por accordo entre os partidos, e o governo sem acção livre e desaffrontada, se até agora não teve uma votação opposta, é porque restringe a sua iniciativa, e se retrahe diante dos adversarios.

Diz o *Correio da Noite*, que os ministros hão de ser os *coveiros* das instituições, porque vão dissolver; nunca ninguem pensou que este acto bastasse para enterrar a monarchia.

Quem a ia enterrando, era a orgia politica de 86 a 90, quando uma classe respeitavel, o commercio do Porto, amigo da corôa, se determinou a fundar uma grande associação republicana, e só desistio do seu proposito, quando felizmente aquella orgia cessou.

Estes factos é que dão ares funebres aos famosos chefes da Granja.

«O partido regenerador, clamava o palavroso sr. Antonio Candido na sessão de 11 de maio de 1880, não tem direito de subir ao poder, em quanto não expiar largamente as suas culpas, em quanto se não retemperar na adversidade, em quanto não readquirir o favor, que a opinião publica lhe retirou.»

Agora como quer o partido progressista subir ao poder depois dos escandalos, cuja memoria está tão viva, porque são recentes?

Em quanto não expiar largamente as suas culpas, em quanto não readquirir (e será tarde), o favor que a opinião publica lhe retirou?

Em quanto o cerca um mar de vozes accusadoras?

Que fez para rehabilitar-se?

Depois da sua queda em 1890 ainda mais contribuio para a crise, em que nos achamos.

Com os mesmos chefes é que não póde ou não deve o soberano confiar-lhe os sello do estado.

O bem do paiz e o decoro do governo o recommendam.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

CONFRONTOS

XLVII

Carga d'Ossos

Todos vão conhecendo as pustulas verminadas que cobrem o teu nome: todos vão conhecendo até que ponto és cynico, cobarde e vil, *Carga d'Ossos*. O passador de moeda falsa, o expoliador dos pobres revendedores, o assassino que espera de noute os pacatos transeuntes devia trazer na fronte o estygma do crime, as rugas que o remorso vae continuamente cavando. A sociedade nada observadora ia deixando passar o endinheirado sem se lembrar de lhe lançar em rosto os crimes, sem se lembrar de lhe accusar as infamias.

Foi preciso que eu me evolasse do sepulcro e percorrendo as ruas desertas fosse auscultar a consciencia do desgraçado que se vendera por palha e fava, que amuara porque lhe não deixaram roubar uma bôa porção de terreno pertencente aos maninhos municipaes, que receiava a cadeia porque passara moeda falsa, em quanto um desgraçado de Pardilhó gemia alli os crimes praticados por outros. E eu vim de fronte alçada e pelo calado da noite acordar a opinião publica, e eu vim vergastear a reputação do cynico que se lucupletava com os *augmentos* dos pobres revendedores.

Tenho sido o *Espectro* justiceiro, inflexivel que a nada me tenho vergado. Cumpro a minha missão augusta, sagrada, sem me importar das ameaças dos imbecis que alardeiam contos de réis, nem com as fanfarronadas dos caceteiros comprados. Vou atravessando serenamente a tempestade que vejo revoar em torno de mim, como atravesso de noute as ruas despovoadas, batidas pelos raios foscos do luar.

Temem-me os *Cargas d'Ossos* porque sou inflexivel, porque sou verdadeiro: temem-me os *Cargas d'Ossos* porque pacientemente lhes vou descobrindo os crimes e os maus instinctos de que são dotados. Represento a vara da justiça que os acouta, mas não os póde metter na cadeia. Já de ha muito lá deviam estar, mas o dinheiro embora falso, que compra tudo, que transtorna tudo, tambem exerce a sua influencia nas testemunhas.

Se assim não fôra, já o *Carga d'Ossos* estaria gemendo na cadeia tantos crimes como os que tem commettido. Mas elle não se livra ao castigo: o remorso vae-lhe minando a existencia apodrecida; vae-lhe cavando o rosto em fundas rugas precoces; ha de o matar.

Carga d'Ossos, a tua missão está a findar. Os teus descendentes nunca poderão seguir as tuas pizadas, porque hoje ha quem vele e a sociedade não poderá deixar ficar suspensos tantos delictos: *Carga d'Ossos*, os teus descendentes amaldiçoarão o teu nome e a tua vida.

Serás bem mais infeliz do que o cão vadio que apodrece estatelado no monturo: para esse ao menos haverá talvez um olhar de compaixão, em quanto que para ti haverá sempre um fundo rancor.

E' o unico legado que a sociedade dá aos seus filhos espurios e tu és um d'elles.

Sê maldito.

Espectro.

—

Espectro

Não sei porque me guardas tão fundo rancor, *Espectro!*

Que mal te fiz? roubei-te, procurei assassinar-te? enganei-te com o dinheiro falso que veio d'Elvas?

E's *Espectro* e como espectro uma visão; não te póde

---

(7) **Folhetim da FOLHA D'OVAR**

CONDESSA DE MONTEMERLI

ENTRE DUAS MULHERES

TRADUCÇÃO DE

Jayme T. Cirne de Magalhães

VIII

A lucta

A paixão parece medir o proprio poder, a propria força moral d'aquelles que arrebata.

O conde Galaredi estava aterrado da violencia dos seus sentimentos; e, interrogando o passado, encontrava apenas nos seus amores de rapaz e de homem, um pallido reflexo do que sentia hoje. Sentia-se arrastado por uma corrente irresistivel, antevia que tinha de ficar submergido n'ella e não tentava fugir á sorte;—o abysmo tem extranhas fascinações; devo cahir n'esse abysmo;—pensava elle, e cahirei.

As virtudes de Margarida exacerbavam-lhe os desejos; a sua elevação moral, a sua coragem e suavidade hallucinavam-n'o.

Era, na verdade, uma febre d'alma o que padecia o conde Galaredi; pertencia a Margarida por tudo quanto tinha de mais nobre o seu ser; esta mulher era o seu complemento; d'isso já não restava a menor duvida, e para ella impelliam-n'o fatalmente os mais fortes impulsos, tanto materiaes como espirituaes.

N'este amor não havia a sombra d'um capricho; um vestigio de premeditação; era um céo esplendido chovendo luz sobre uma alma em sombras, mas tambem um céo transformado em inferno pela inflexibilidade das leis humanas. Como consequencia da educação e dos principios que sempre praticára, mais terriveis ainda eram os combates que no espirito de Margarida se operavam.

—Que culpa terei eu commettido, meu Deus, para ter ateiado aquelle incendio no meu caminho, —perguntava ella a si propria,—que, sinto bem, me ha de devorar nas suas chammas? Será demasiado o receio, é hallucinação minha; o perigo não é de tanto cumulo; sou dedicada a meu marido, Luciano tambem o é a sua mulher; tivemos uns dias de loucura; o delirio não tem duração! Como elle estava pallido hoje, creio que chorara; basta o contacto dos seus labios na minha mão para que eu estremeça toda; e o beijo de hontem!... não lh'o neguei... Mas que sou eu! Ah! desgraça eterna, amo-o como nunca sonhára que se podesse amar!...

Não o sei amaldiçoar por me ter enlevado, arrebatado; que culpa tem elle?

Todavia, não quero perder-me, devo-me a meu marido, aos filhos que tenho no céo, e muito mais me devo a mim propria, pois ser-me-hia impossivel viver deshonrada.

—Que sentido tem aquella grande palavra «honra»?—continuou ella depois d'uma breve pausa. Cuidei entendel-a, agora não a comprehendo.

N'esta ordem de ideias sinistras pensou:

—E se se matasse? porque não; Thereza não o ama!

Sentiu a sua virtude enfraquecer com tal lembrança, exprobrou-se a propria coragem que desesperava Luciano. Indignou-se ao pensar:—se por minha causa a mulher ficasse viuva e os filhos orphãos, a sociedade elogiava-me de «virtuosa», endoudeci, ou a sociedade é implacavel!

Meu Deus, illuminae d'um raio de luz as trevas do meu espirito, arrancae-me do seio este amor fatal que me é tormento inaudito e delirante jubilo!

E por largo tempo continuou rezando.

(*Continúa*)

tocar a lamina d'um punhal, nem te preoccupa o medo, nem vendes nem compras. Que te importa a sociedade ingrata e pequenina em que vivo, em que me agito. Aqui combate-se pelo interesse, procura-se enriquecer—é assim que eu comprehendo como se podem realisar as aspirações, pelas quaes anceiam os corações patriotas.

Passei durante muito tempo como homem honrado, porque n'este meio é honrado quem é rico. E tu, e só tu, *Espectro*, poderias vir desfazer as doces illusões em que eu vivo, em que todos viviam para commigo.

Que ganhaste? nada. Eu fui mais um dos que cahiu no insondavel abysmo da corrupção e do descredito.

Arranjei, durante muito tempo, a minha vida conforme podia, roubava quanto queria, porque na terra dos cegos quem tem um olho é Rei. Crimes—quem os denunciava? Comprar-ia as testemunhas se fosse preciso—e os ladrões ou eram menos cumplices ou minhas victimas: no primeiro caso comprometter-se-hiam, no segundo dependiam de mim.

Eis porque vivi tranquillo em quanto tu, *Espectro*, não vieste do fundo do teu sepulcro esmagar-me com accusações.

Volta, *Espectro*, para o logar onde estiveste descançando, e deixa os mortaes viverem socegados, locupletarem-se com aquillo que é dos outros.

Deixa-me, *Espectro*.

Carga d'Ossos.

Toca a andar

Dizem-nos foram nomeados 8 guardas para vigiarem os larapios da Estrumada.

8 guardas e os pinheiros a desapparecerem cada vez mais!

Não admira—cada guarda vale por dez... e o Berlengas por cem...

Porque será que o Soares ainda não foi nomeado guarda da Estrumada?

Seria por isso que o Soares se passou? Se não por isso, porque se passaria o Soares?

Esta local e os dois artigos acima, foram transcriptos do jornal *Povo d'Ovar* n.º 39, propriedade do actual vice...

Não se admire o leitor; pergunte só:

Porque se passaria o heroe?

O Realismo

I

Os realistas são minuciosos e escrupulosos observadores: a abservação é difficil, exige muita agudeza d'espirito, e um profundo talento de analyse; mas muitos dos que se dizem filiados na escola litteraria, a que se dá aquelle nome, nada observam, e vê-se que não sabem observar, nem imaginar, nem descrevem como Balzac, nem idealisam como Victor Hugo.

Descripções reaes não as podem dar umas superficies da sociedade observadas com olhos ligeiros, os detalhes insignificantes ou os quadros d'um certo lado da vida frivolamente interpretado, onde não ha, quero dizer um senso profundo, mas nem pelo menos uns longes da verdade sobre a civilisação actual, o fundo moral das classes, a familia, a mulher, os estados d'alma, os defeitos sociaes, as perversões, os typos degenerados, como tambem sobre as aspirações nobres e generosas, os grandes sentimentos immanentes no ser humano.

II

Se o verdadeiro realismo nunca soube definir bem os seus principios tal como elles o comprehendem e apregoam, é um mero contrasenso. Quem quer exprimir a verdade dos factos, mesmo sem o querer implica com o ideal. Pois que é o ideal? É o typo, a ideia, são os fins e as leis das cousas e dos sêres, da vida, da natureza: ora uma descripção a não ser significativa e frivola, sem valôr algum, é de rigor que deixe transparecer o ideal segundo o artista o concebe, porque é preciso referir os actos ás forças moraes que os produzem, aos motivos intimos, á essencia do homem, aos seus fins e tendencias, para que assim moralisados possam ter uma côr expressiva, produzir uma impressão qualquer e para isto é preciso que antes de descrevel-os haja na ideia do escriptor um typo, uma apreciação geral da vida humana: se o escriptor nega a existencia d'esse typo é um sceptico ou materialista: mas n'este caso mesmo uma ideia determinada, um modo de vêr, se antepõe ás suas analyses e as caracterisa.

Quem descreve não faz um retrato só material, obriga-se a inspiral-o com uma ideia, a qual deve apparecer mesmo nas imagens, precisa de dar-lhe a luz de uma philosophia seja qual fôr, e eis ahi o ideal, ou intuitivo, ou extrahido da natureza pela observação e a analyse.

Photographar a sociedade não é descrevel-a. Esse processo material, pelo que temos dito, é incapaz de attingir a verdade, não consegue o fim a que o realismo se propõe. Os homens, as gerações, as epochas, teem caracteres, e physionomias diversas. Ha no mesmo individuo estados d'alma contradictorios, situações em que não parecem os mesmos: nas familias variadas especies moraes, nas classes, costumes, ambições e indoles oppostas: se o artista se applica á imagem exacta de tudo isso e não deixa vêr a natureza das impressões, dos sentimentos, o principio moral occulto nos actos humanos, o ideal, n'uma palavra, toda a sua obra d'arte ficará sem espirito, sem significação alguma e material como o processo que empregou, sem uma generalidade que é o que ha de util para a intelligencia, e digamos tambem sem verdade, porque a verdade não está nos factos, nos phenomenos variaveis, mas nas generalisações, nas ideias que os explicam.

III

O realismo veio, é verdade, corrigir os excessos da phantasia, o romanticismo exagerado, mas cahiu no defeito opposto. Os realistas já são velhos: Swift degrada o homem até á animalidade instinctiva: Addison, curioso das especies moraes delicadas, conta-nos as bizarrias amaveis do cavalheiro Rogerio de Coverly, os seus prejuizos provincianos, a sua franqueza natural e sincera; ha muito realismo em Fielding e Richardson; mas todas as suas descripções accusam um modo de vêr especial em cada um d'estes romancistas, uma ideia determinada que anima todos os seus caracteres. Walter-Scott, o aristocrata que phantasiou a historia inteira d'uma nação, que poetisou a Escossia, foi tambem realista: o romance de costumes que misturou com as aventuras dos seus cavalleiros, forneceu uma litteratura immensa, variada, fecundissima de que Dickens é um dos grandes modelos: a vida contemporanea, sem amplificações, sem côres que possam fazel-a mais bella do que é, observada em todas as classes, e principalmente no povo e da burguezia, tal é o seu objecto; não ha n'esta litteratura grandes intenções artisticas, pontos de vista elevados, mas exactidão, detalhes infinitos, prodigios de observação, trivialidades, mas atravez d'esse mundo de factos minuciosos vê se uma intenção constante que é offerecer alguns typos de moralidade pratica, de virtudes familiares, a imagem d'uma democracia honesta, socegada, que ama a ordem e pratica o bom-senso. O realista Balzac não evita nem póde evitar um ideal a seu modo. A' excepção de Eugenia Grandet, e de outros typos de virtude generosa e sympathica, ha em Balzac uma tendencia para o materialismo bem visivel e pronunciada, a representar apenas os instinctos grosseiros, os caracteres da animalidade, uma certa ordem de paixões, que apparecem nos seus romances como reaes, immodificaveis e logicas nas suas exigencias. E elle era mui habil artista para ser um realista photographo.

Mas apezar das suas immensas faculdades de observação, as copias que nos dá do mundo social e da familia, do seu mundo Pariz, serão as copias da realidade humana?

Diderot, critico d'um talento superior, incomparavel, se fôra dotado do sentimento do ideal, veio provar com os seus dramas a inanidade d'essa escola, quando não abandona os seus processss exclusivos: os dramas do illustre encyclopedista, genio de fogo, illuminado e vigoroso, são frios, prosaicos, inanimados.

IV

A arte sem ideal é materia, não tem espirito nem vida. O mundo apresenta-se-nos com leis, fins, ou intenções geraes: ha portanto um ideal; atravez d'aquelle, das suas rudezas e contradições, das immoralidades e dos crimes, da realidade repugnante e grosseira, fazer vêr e sentir esse ideal é o fim supremo da arte.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

SECÇÃO LITTERARIA

A Pastora

—

Cada qual no seu mundo:—o mundo d'ella é este. Nenhum piso lhe parece melhor que o da herva sacudida do vento, queimada do sol.

Gosta do musgo meio secco e das urzes que se encravam nas fendas dos rocados.

Aspira com delicia o aroma das plantas serranas, que os temporaes enrijam.

Mal avista as aldeias, que ficam n'uma distancia de que já não ha côres nem fórmas; parecem-lhe sombras os povoados, ao longe, a banhar-se n'uma tinta azulada...

E' uma pastora, de physionomia suave, intelligente, de expressão serena e contemplativa.

Parece desligar-se do solo, suspensa entre o monte e o céu.

Curva-se-lhe a relva debaixo do pé comprido e delgado. Ha força graciosa n'aquelle todo; ha voluptuosidade, ha phantasia na doçura d'aquelles olhos, que resguardam o fogo nas palpebras longas e assedadas. O feitio da bôcca tem um tom apaixonado e calido. Ha raios scintilantes, ha reflexos mórbidos n'aquelle rosto, e como que uma luz doirada, certo ardor irritante n'aquelles cabellos que fogem ao lenço que quer prendel-os, e se espalham á mercê do vento dos montes.

Tem talvez a pelle trigueira; levemente, mas morena um pouco. E' porque o sol a achou bonita, e a queimou de beijos.

Alli está sósinha uma longa tarde, um dia inteiro ás vezes.

Ninguem lá vae; ninguem lá sabe ir; mal se percebe até o rasto do caminho...

Não ha medo de que alli surja de subito, como n'outras pastagens, alguma alegre cavalgata, o a estrondosa berraria dos guias, e as vaidades da admiração ruidosa, e a barafunda do amarrar cavallos e desenfardelar as provisões, e os dichotes pesados que se cruzam em occasiões d'estas.

E' tudo sereno, silencioso e grande ao mesmo tempo. A natureza não tem alli um interesse secundario, não se subordina á creação; não é apenas um theatro onde devem figurar heroes e passar-se casos; reina, é senhora, e parece dizer como Medéa:

—Só eu, e basta!

A creatura esquece a creatura; deixa alli a sociedade de ser dogma e religião; sacode-se o jugo.

A pastora está a gosar a sua liberdade; está a conversar com os montes; está a ouvir d'elles coisas que os homens não sabem dizer... Ella não conhece outra coisa senão aquellas montanhas e aquellas hervas; não estima nem quer bem senão ás plantas que convem ás ovelhas e ás cabras,—as suas queridas cabrinhas de olhos amarellos, pernita alta e pêllo tão farto que parece que andam de capinha preta, parando aqui e alli muito pasmadinhas, sempre com ares de curiosidade e de meiguice, pondo as patinhas no monte, roendo uma silva, pascendo uma flôr de alfazema, e seguindo depois com a bocca cheia de hervas, empurradas pelas companheiras que vem de traz, muito direitinhas, a comer e a andar.

Julio Cesar Machado.

PARA AS CREANÇAS

—

Eil-os ahi, pequeninos seres,
Sem abrigo, sem pão... Doces mulheres,
Romanticas visões,
Do cabello em anneis, loiro e disperso,
Cantae lhes, ao deitar, dae-lhes um berço
Nos vossos corações!...

O pae,—sentindo a alma, entre os egoismos,
Sumir-se, como o sol pelos abysmos
Do oceano, muito além,
Cahiu, exhausto, n'um delirio atroz...
E disse á Vida:—Eu te desprezo, algoz!
E disse á Morte:—Vem!

As pallidas creanças, na agonia,
Cruzam as mãos, emquanto a fome espia
E a tempestade chora...
Meu Deus! Meu Deus! Como a desgraça é crua!
Para que déste lagrimas á lua,
Laivos de sangue á aurora?...

Como na scena do Calvario,—a mãe,
Os pés chagados, roja-se tambem
Por escabrosos trilhos...
Alae-vos, pombas de setineo peito!
Formae das azas um docel de leito!
—Ide abrigar-lhe os filhos!

Hamilton de Araujo.

NOTICIARIO

Real Theatro da Estrella

—

TROUPE PORTUENSE

Uma troupe dramatica do Porto, dirigida pelo conhecido e sympathico actor H. Prata e composta de artistas distinctos como Nunes da Silva, o bem conhecido actor-ensaiador, Carvalho Flores, Sophia d'Oliveira e outros, deu no domingo um espectaculo variado no theatro d'esta villa.

Abriu o espectaculo o engraçado *vaudeville* em 2 actos «Matheus—o Braço de Ferro», em que Nunes da Silva, Carlos e Sophia desempenharam os principaes papeis cabalmente.

Muito applaudidos aquelles artistas; o primeiro um marinheiro á altura, irreprehensivelmente; o segundo, o demo do Julião conservou a platêa em continua gargalhada. A actriz sempre bem.

Seguiu-se a «Sevilhana» desempenhada por Sophia d'Oliveira, uma perfeita hespanhola, tregeitos tentadores, cantando bem, ouvindo-se mal é verdade, não por sua culpa, mas pelo agudo da orchestra no tocante a metaes. Muitas palmas no fim.

Fechou o espectaculo a bella comedia em um acto—*Astucias d'Actriz*. Risota constante. Carlos Costa e Flores foram sempre d'uma graça inexcedivel Todos os demais artistas muito bem

A comedia terminou pela enthusiastica e quasi popular valsa dos foguetes do «Solar dos Barrigas», bem cantada por parte da actriz Sophia que teve *bis*.

A concorrencia foi regular.

*

Amanhã a mesma troupe dá um variadissimo espectaculo que hade tambem agradar. Sobe á scena a operetta em 1 acto «Simão, Simões & C.ª», *vaudeville* em 1 acto «Correio amoro-o», uma canção pela actriz Sophia d'Oliveira e a operetta em 1 acto «Um Maniaco da Gran-via».

E' de esperar, pois, uma noite cheia. Tambem se representará a pedido, dizem, *Astucias d'Actriz*, que aqui foi no domingo.

Em conclusão— ao theatro amanhã.

Notas ligeiras

—

Finaram-se: no sabbado uma tia dos nossos amigos, srs. Ricardo Ribeiro e José Cunha, e no domingo a mãe do sr. Manoel Maria Gomes da Silveira, das Luzes, d'esta villa.

A todos os nossos pezames.

—A *Folha* de quinta-feira passada veio com muitos erros typographicos que os nossos leitores comprehenderam, decerto.

—Aggravaram-se os padecimentos do nosso prezadissimo amigo José Ramos, na semana passada.

Chegou-nos a entristecer deveras o seu estado; porém o nosso amigo encontra-se felizmente melhor, segundo ouvimos, o que do coração estimamos; e pedimos a Deus que venha depressa o periodo do seu restabelecimento.

E' de menos um rapaz tão agradavel para a «cavaqueira», e nós desejamos a sua companhia.

—Parece incrivel! no verdadeiro periodo invernoso, e tantas doenças por esta villa.

—Tem passado incommodada a esposa do sr. José Gomes Pinto, d'esta villa.

Sentimos.

—Entrou no 2.º anno da sua publicação o nosso distincto confrade bracarense «O Progressista».

Felicitamol-o

—E-tiveram no sabbado e domingo n'esta villa a ex.ma sr.a D. Maria B. Pinto Vaz e Silva e esposo, residentes na capital, para onde seguiram no dia immediato.

—Partiu no domingo para Lisboa o nosso amigo José d'Oliveira Gomes, intelligente e antigo empregado no commercio.

José Gomes acha-se melhor dos seus padecimentos, motivo porque foi retomar o seu emprego.

Muitas felicidades na *Lisbia* querida.

—A camara mandou distribuir alguns candieiros por differentes ruas, taes como: Pinheiro, Nova, Velha, Fonte e Bajunca.

Eram necessarios. Mas seriam collocados só para vistas?

E' o que havemos de ver.

—A feira de gado suino, domingo, no largo da Estação, foi bastante concorrida. O dia esteve mesmo a matar, cheio de sol, bonito.

Porisso foram vendidos muitos *bichos* e, pelo que ouvimos, muito baratos.

Era a ultima feira, não admira. Quem não comprou, comprasse, e quem não vendeu foi porque não quiz.

—Foi transferido para a comarca de Ceia, comarca de que ainda não tomou posse, o digno escrivão de fazenda d'aqui, sr. Martins Seabra

Sentimos a ausencia d'este funccionario bemquisto por toda a villa pela sua seriedade, como homem, e rectidão e saber como empregado.

—O nephelibata localista da *Alvorada*—é um ratão aquelle nosso estimavel amigo!—não podendo responder *de prompto* a uma noticiasinha de palmo e meio (sem parodia ao *Illustrado*) que inserimos a seu respeito, previne-nos de um modo nephelibata, porque elle é nephelibata dos quatro costados, que nos responde domingo. E remata assim a prevenção:

«Creia, comtudo, que nada perde com a demora...»

Venha de lá, pois, mais essa nephelibatice, querido amor! ..

—Está restabelecida a ex.ma sr.a D. Irenne Brandão.

Estimamos.

—Ácerca do naufragio na praia da Torreira, dissemos terem perecido doze homens, por mal informados, quando só foram dois os inditosos e que dissemos tambem—os filhos do arrais Filippe.

—Sepultou-se hontem o sr. Luiz Campos, da Ribeira, d'esta villa.

—Por meio de uma circular, participa a sr.a Maria Emilia S. Balreira, da Ponte Nova, d'esta villa, que continua a dirigir os negocios do estabelecimento sito no mesmo logar, e sob a mesma firma de Bernardo Soares Balreira, ficando a cargo da viuva d'este, dita Maria Emilia Balreira, todo o activo e passivo.

—Passou aqui desapercebido o 1.º de dezembro.

Ovar só trata de politica rasteira, tendo á sua frente um celebre heroe, celebre na tolice e em muitas coisas. Por utilidade publica, vamos brevemente lançal-o para o monturo do esquecimento.

No do desprezo do publico sensato, ha muito elle está lançado.

—O sr. commendador Costa dá uma reunião no domingo proximo.

—Recebemos o *Jornal do Commercio* de Manaos, e o *Diario de Manaos* que nos foram enviados por pessoa cujo nome desconhecemos; mas no entanto—agradecemos a deferencia a tão solicito remettente.

—Anda em demolição a ultima parte do antigo edificio dos paços do concelho.

Muita cautella.

—As obras de doiramento no altar-mór da egreja matriz vão muito adiantadas.

—A semana principiou com lindos dias, mas frio de morrer. Tudo é preciso.

—Visitou-nos ante-hontem com o fim de se despedir de nós, o nosso estimavel assignante, sr. Antonio de Pinho Osorio, residente em S. João de Vallega, que se destina novamente para o Pará, devendo partir na proxima segunda-feira.

Agradecemos a honra da sua visita áquelle cavalheiro, e desejamos-lhe uma viagem alegre, feliz, e que a saude o acompanhe sempre n'aquella cidade brazileira.

—Fez segunda-feira annos o sr. João d'Oliveira Gomes.

—Escreveu o heroe no *Povo d'Ovar* n. 77:

«Um dos insignes arruaceiros comprou (?) ha dias na Estrumada um pinheiro, e depois carreou para a sua *residencia* 7 carros de lenha.

Devia ser um pinheiro collossal! A *troupe* commenta assim o caso: coitado, elle tambem ajudou a vencer as eleições; não é muito o que leva de mais.

Se os *cabeças* são os primeiros a apossar-se do que é do municipio, não se deve levar a mal que um arruaceiro queira um quinhão.

E' andar emquanto ha tempo...»

Leram? Gostaram?

O que se faz hoje na Estrumada?

—Se o governo indeferiu a representação camararia para os dois logares que occupam o Lopes e Ramada, quem lhes paga, e d'onde sáe esse dinheiro?

E' capaz de responder-nos com verdade?

—Andam, ha dias, a barbear o jardim da Estrella. Não que elle estava mesmo de todo, semelhava-se a um campo abandonado!

Pobre jardim... sem flôres!

—Ainda não se poude averiguar quem foram os auctores do arrombamento e roubo de relogios no kiosque da Praça; e todavia, a digna auctoridade administrativa tem sido incansavel para descobrir o caso.

—Terça-feira trabalharam as companhas na nossa costa mas não houve pesca. Uma desgraça.

—Foram passar alguns dias á Bairrada, mas já vieram de saude e muito contentes, o nosso amigo Silva Cerveira e esposa.

—Tem sentido bastantes melhoras a sobrinha do sr. Francisco Barbosa de Quadros.

E' caso para felicitarmos o seu medico, sr. dr. Almeida, pelo perigo em que a illustre doente esteve por muito tempo, sendo esse perigo debellado consideravelmente.

—Amanhã, dia de N. S. da Graça que, parece, não se festeja na sua capella, d'esta villa. Pois é pena.

—A uma velhota dos lados de Arruella, á missa, ouvimos:

«Um padre-nosso e uma ave maria pelas almas que *geralmente* morreram afogadas no mar do Furadouro».

—Tem estado mal dos ouvidos o nosso amigo Benjamim da Silva.

—Tambem tem estado constipado o nosso amigo Antonio Ribeiro—o Chota.

Melhoras promptas.

O heroe vendeu-se tres vezes. Porque se venderia o heroe?

Sorteamento

—

Procedeu-se terça-feira, no salão da camara provisoria—edificio do Hospital—ao sorteamento dos mancebos recenseados para este anno, de todas as freguezias.

Palavras de um ex-regenerador

—

«Está tão intimamente ligada á tristissima historia das arruaças n'esta villa a palavra d'honra do sr. José Luciano de Castro, que nós não podemos deixar de a recordar a proposito de cada um dos actos d'este ministro. Sabem todos que n'um dos dias anteriores á eleição dos quarenta maiores contribuintes, que se realisou no dia 7 de janeiro de 1887, o sr. José Luciano assegurou sob palavra de honra que as vidas dos quarenta maiores contribuintes seriam garantidas e a sua liberdade assegurada.

O que succedeu n'essa celebre eleição todos sabem—os quarenta maiores contribuintes não só foram espancados, como ainda se attentou contra as suas vivas.

A palavra d'honra do sr. José Luciano de Castro cumpriu-se assim. Pediram-lhe depois na camara dos deputados explicações do seu proceder, e elle respondeu occultando a verdade dos factos.

Agora temos mais uma vez occasião de pôr em relevo a palavra d'honra de s. ex.a

. . . . . .

A palavra d'honra do sr. José Luciano de Castro, joga na balança segundo as conveniencias politicas do partido; é desmentida pelos factos.

O sr. José Luciano não illudiu sómente os quarenta maiores contribuintes d'Ovar, illudiu tambem a camara dos deputados.

Digno presidente do conselho n'um ministerio que fuzila o povo!»

(*Povo d'Ovar* n.º 78).

Em 19 de novembro p. p. escreve o ex-regenerador, o manequim dos progressistas locaes actualmente, no seu *Ovarense:*

«. . . . . .

A patria e o partido mandam que obedeçamos ás ordens do nosso prestigioso chefe (sr. José Luciano) que, com o seu nobre exemplo nos aponta como verdadeiro fim politico do partido progressista—o bem da nação.»

CHRONICA

UMA HISTORIA

—

Com um frio assim, lá fóra uma briza do sul fortissima que comprehendo pelo assobiar agudo—ui, Jesus!; não se supporta—fico-me no quentinho, percebeis? debaixo das mantas, apenas os braços meio ao léo, na dextra uma tira de papel e na outra um lapis com que vou traçando estas linhas pobres, singellas e desmaiadas como as rosas brancas do meu quintal, e que são o principio do oxordio a que vae seguir uma historia viridica,—acredite quem me lê,—e que não deixa de ser engraçada pelo bre. jeiro do enredo e pelo modernismo.

Vão gostar da historia, posto já.

Agora do que eu peço desculpa é da extensão do preambulo que tem uma razão de ser pelo descanço e vontade da occasião—muito quentinho, debaixo das mantas, e o estomago accommodado, o que é melhor, pois não é?

Que eu não sou nem quero ser tido na conta de homem de muitos preambulos. Nem de hypocrita.

Eu odeio abertamente a hypocrisia de alguns homens e a falsidade de todas as mulheres traduzida pelos seus sorrisos incolores e palavrinhas arrastadas . . .

Fugi, fugi, pois, innocentes filhos de Eva, de mulheres formosas, tentadoras, d'esses anjos maus que, cruelmente, inquietam o vosso espirito, fazem pular os vossos corações adormecidos no seio do indifferentismo, fallando-vos ternamente, arrastadamente, e fictando-vos com olhos piedosos e languidos, mas nas quaes palavras ternas e arrastadas, olhares piedosos e languidos vae todo o veneno que vos embriaga, que vos engana, mas que depois do engano segue-se a paixão, d'esta passa-se á loucura, e por fim—á morte!

Acreditae-me, acreditae n'esta doutrina, e sêde como eu, positivista, mas positivista a valer.

A franqueza revelou-se sempre em mim; posso dizel-o affoutamente e sem vaidade.

Para a hypocrisia dos homens, o eterno desprezo; para todas as mulheres, pois todas são falsas, um *cipó*.

Quem se acredita na mulher?

Os ingenuos, os ignorantes, todos vós, innocentes filhos de Adão e Eva. Filhos d'esses senhores somos todos, mas eu refiro-me sómente áquelles que são innocentes.

E elle ha por ahi tantos, tantos...

Mas eu não sou innocente;—ignoravam esta novidade? porque se o fosse ia na rêde com as palavrinhas docinhas d'esses anjos maus, d'essa maldição da humanidade na sua quasi totalidade, das mulheres.

Cipó, cipó em todas, e com toda a força.

Já avaliaram que mania esta? E' meio mundo contra mim, contra estas ideias que, pouco, deveriam ser aproveitadas, tomadas como lição indispensavel para tanto diabo que se deixa levar pelas cantigas da mulher.

Pois, minhas caras senhoras, tenham paciencia; a verdade é esta, e a verdade deve-se dizer.

Positivismo e franqueza!—é este o meu lemma. E quem não gostar de mim que passe de largo e em paz. Eu farei da mesma sorte; só tenho receio que se volte o feitiço contra o feiticeiro: que vós, senhoras, volteis o cipó contra mim, o tal cipó com que ameaço o genero mimoso—ai! tão mimoso!—quando presentemente custa-me supportar tanto frio, que até tenho invocado a Morte—Diabos a leve—que não escuta as minhas supplicas, e se ouve não a commovem as minhas lagrimas...

Mas isto não basta para que um mundo d'odios pese sobre mim presentemente tão magro, tão falto de côr, amarello como o riso da mulher, como o teu riso—ó minha «alma estremecida»!

Caiam raios, faiscas, o diabo sobre mim! Que me importa? Não posso ser superior a um desabafo assim. Ha muito que me sobejava este desejo. Excentricidades!

Mas vamos á historia.

Duas palavras ainda para finalisar o exordio.

Batem-me á porta. Perdão. Quem será?

. . . . . .

. . . . . .

«..., e portanto, sabendo nós de ha muito a sua pessima ideia de uma declaração na sua chronica, antes, um falso combate cá a nós, mulheres, meninas, o que é mais, passo errado que se v. o dér póde arrepender-se; avisamol-o em nosso e em nome do sexo forte (não é fragil, é forte) para calar em si e até á morte esse sentimento que tanto o afflige se o não desafogar. Creia-nos, etc., etc,.»

Foram estes os ultimos periodos de uma carta assignada por tres, das taes *fortes*.

E eu que me pêllo de tal sexo, dou o dito por não dito.

Já não sou positivista: sou o homem mais amavel que vós, candidas borboletas, podeis encontrar debaixo da luz do sol d'esta patria?

Perdoae-me paiz...

E a historia?

Jayme.

ANNUNCIOS

Agradecimento

A familia ausente e presente de Maria Emilia do Espirito Santo Soares Balreira, vem mais uma vez agradecer penhoradissima ás pessoas que se dignaram cumprimental-a por occasião do fallecimento de seu marido, pae, cunhado e sobrinho, Bernardo Soares Balreira, protestando a todos o seu eterno reconhecimento e pedindo desculpa d'alguma alta que, involuntariamente, e désse.

Ovar, 20 de novembro de 1893.

AGRADECIMENTO

—

O abaixo assignado, por si e em nome de sua familia e parentes, especialmente os d'aquelles que tomaram lucto pela finada sua filha Rosa d'Oliveira Gomes Coelho, na impossibilidade de agradecerem pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento d'aquella sua filha, vem fazel-o por este meio, protestando a todos a sua indelevel gratidão.

Ovar, 24 de novembro de 1893.

Manoel José Ferreira Coelho.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

Para encommendas
FEITAS PELA
COMPANHIA REAL
DOS
Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

NOVIDADE

Chegou a cerveja BOHEMIA e PRIMAVERA.

Quem tem calor vá ao Cerveira, na

PRAÇA.

MACHINA DE COSTURA

Vende-se uma (Singer) em bom estado, propria para costureira ou alfaiate, por um preço rasoavel.

Para tratar—Joaquim Gomes da Silva, o **Merceneiro.**

RUA DA PRAÇA

OVAR

CASA EDITORA

DE

GUILLARD, AILLAUD & C.ª

Rua Aurea, 242-1.º

Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marceneria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc.

Este Manual de Carpinteria e Marceneria contem approximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

As pessoas quebradas

Com o uso por algum tempo do milagroso emplastro ANTEUPHELICO, se curam todas as roturas (quebraduras) ainda que sejam muito antigas.

Preço da caixa 1$800 réis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em vale do correio.

Molestias de pelle

POMADA STYRACINA

Cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impigens, nodoas, borbulhas, comichão, dartros, herpes, lepra, panno, sardas e as feridas antigas.

Preco, 600 réis cada caixa.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em vale do correio a *Manoel Pinto Monteiro,* rua da Rosa, n.º 206—Lisboa.

COPIOGRAPHO

De massa branca preparada pelo dr. Bergmann

O unico que até hoje tem dado bom resultado chegando a tirar 100 cópias perfeitas.

Preços: formato almasso 1$800 réis.

Formato commercial réis 1$500.

Formato meio commercial 800 réis.

Tinta violeta do dr. Bergmann, frasco 200 réis.

Para a provincia accresce 200 réis em cada copiographo e 50 réis em cada frasco de tinta,

A' venda em Lisboa, rua Aurea, 69. Porto, A. J. Fernandes, largo dos Loyos, 44 e 45.

JÁ SE ACHAM Á VENDA

REPERTORIOS

E

ALMANACHS

PARA 1894

DA ANTIGA LIVRARIA POPULAR DOS LOYOS

A maior e mais variada collecção que até hoje tem apparecido, pois consta de 14 auctores, entrando n'ella o antigo almanach critico, satyrico e prognostico

O SERINCADOR

De Liborio de Magalhães

bem como

O Almanach das feit ceiras, Propheta Universal, Novo amigo da verdade e o Pae Amblosio de Suza (O Preto)—Borda Leça, Borda d'Agua, Borda Vinho, Borda d'Ouro, Astrologo Luzitano e Pedro Coutinho Velho.

Para revender grandes descontos

Deposito geral

Imprensa Civilisação, editora

DE

MANOEL FERREIRA DE LEMOS

Rua de Santo Ildefonso, 73 a 77 (Largo da Pocinha), para onde pódem ser dirigidos todos os pedidos.

Fabrica de adubos chimicos do norte de Portugal

Administrador—Astier de Villate, agronomo

ADUBOS para milho e feijão, leguminosas, vinho, cereaes, etc.

Superphosphatos, phosphatos, nitratos, sulphato de potassa, chloreto de potassa, kainst, gêsso, cal.

Dósagens garantidas.

Enxofre em pedra e moido.

Enxofre com sulphato de cobre, contra o oidium e mildew

Este enxofre tem a côr azul devida ao sulphato do cobre. Exigir esta côr, ficando certo que o preparado tem pelo menos 10 p. c. de sulphato de cobre.

Enxofre Skawinski.

Escriptorio, rua Formosa, 250—Porto.

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima—Praça, 63

EDITORES—BELEM & C.ª—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUCÇÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, a Avó, A Filha Maldita* e a *Esposa,* que teem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados da actualidade.

A empreza, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 côres, copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjuncto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

Imprensa Civilisação

DE

MANOEL F. LEMOS

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

73, Largo da Pocinha, 77 (R. de Santo Ildefonso) — **R. de Passos Manoel, 192**

PORTO

N'esta officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preços relativamente modicos, todo e qualquer trabalho typographico.

Facturas, memorandums, mappas, bilhetes de loja, enveloppes, jornaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas combinações recebidas das principaes casas estrangeiras.

BILHETES DE VISITA a 160 e 200 réis o cento

BILHETES DE RIFA a preços baratos

BILHETES DE LUTO para agradecimento

Enviam-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

TEM A' VENDA:

RELAÇÕES que os proprietarios dos hoteis são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

LIVROS para registo de hospedes.

RELAÇÕES de novo modelo para receber o juro das inscripções, bem como das obrigações de 4 e meio p. c., etc., etc.

TABELLAS do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações.

RECIBOS para todas as Juntas de parochia (modelo official).

ARRENDAMENTOS para caseiros e senhorios.

GUIAS para acompanhar a correspondencia official ao correio.

NOTAS de expedição para encommendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Fabricam-se CARIMBOS DE BORRACHA tanto para particulares como para repartições publicas, por preços rasoaveis.

Na redacção d'este jornal toma-se conta de encommendas tanto de cartões de visita e rifa, como de outros impressos.

NOVIDADE

Cerveja DANUBIA e BOCK-BIRR.

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1$500 réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

PRAÇA, 63—OVAR

Imp. Civilisação—Pocinha, 73-77